

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Poesias ao Luar

SELO

CONEXÃO LITERATURA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Sumário

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS

- Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04**
Madrugada sem luar, por Ailana Monteiro, pág. 05
Serenata, por Ailana Monteiro, pág. 07
Indagações, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 09
Lauta sensações, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 17
O canto da Sereia em noites enluaradas, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 26
Ouvidores, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 29
Simplesmente, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 31
Pessoinha 3 (Na sua varanda), por Emanuel Valente Ribeiro, pág. 34
Presente, por Emanuel Valente Ribeiro, pág. 37
Perdição, por Frahm Torres, pág. 39
Ao Eterno, por Frahm Torres, pág.41
Se, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 43
Diário antológico, por Gustavo Soares, pág. 45
A cura, por Izenir Ribeiro Paranhos, pág. 49
Querida Pátria, por Isabela Paula Cassettari, pág. 51
Ambição, por J Neris, pág. 53
Estou falando de valor, por J Neris, pág. 57
Ela é a chama, por João Roganti, pág. 60
Quando a velhice assombra, por João Roganti, pág. 62
Fim da vida?, por Larose Cultural, pág. 65
Madrugando, por Lucas Pessô Feniman, pág. 67
Cúmplices da Lua, por Luna Brandit, pág. 69
Parto, por Lunara, pág. 73
A Lua, por Lurdinha Alencar, pág. 75
Natureza renegada, por Marcos Souza, pág. 77
Harmonia, por Maria Eduarda Ferrari Gazola, pág. 80
Coisas naturais, por Maria Eduarda Ferrari Gazola, pág. 82
Minha pipa, por Paulo Roberto Torres Borges, pág. 84
Uma estrela em ré maior, por Paulo Roberto Torres Borges, pág. 87
Conversa com a Lua, por Renata da Costa, pág. 89
Sonhar, por Renata da Costa, pág. 103
Café-Poesia, por Robert Araújo, pág. 93
Chuva, por Sara Alencar, pág. 95
Fases da Lua, por Vânia Pontes, pág. 97
Hoje quero ir embora às 21h44, por Yasmin Bacchi, pág. 99
Tenro y Impávido, por Yasmin Bacchi, pág. 101
Conheça outros títulos da coleção, pág. 103

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

"Poesias ao Luar", inicia com seu volume I reunindo alguns dos melhores poemas de escritores contemporâneos, sonhadores e criativos. São textos extraídos da alma, sentimentos profundos e escritos sob o luar.

Deleite-se nesse mar de palavras e respire poesia!

"Tenho fases, como a Lua; fases de ser sozinha, fases de ser só sua." -
Cecília Meireles



Ademir Pascale - Escritor e Editor

www.edgarallanpoe.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br

APRESENTAMOS O POEMA

Madrugada sem luar

POR AILANA MONTEIRO

Sou poeta, professora e psicóloga. Escrevo desde os 14 anos de idade com frequência, incentivada na escola. Participei de concursos literários e fui premiada na cidade onde resido (Mogi Guaçu/SP) e tive textos selecionados pela Psiu Editora, Editora Termembé, revista Ecos das Palavras, e pela revista Projeto Autoestima.

Estava tão acostumada a vê-la nas noites solitárias
E também durante as acompanhadas
Nos horários do tempo da paixão
Quando os amantes namorados
Encontram-se para desfrutar do que sentem...

Ela despontava ativa e iluminada
Quando cheia, parecendo um lustre no teto
Dando ar furtivo aos corações apaixonados
Complementando o cenário da fogueira acesa
No luau feito em sua graça...

Lua branca acompanha a família das estrelas
Formando um tecido majestoso
Astros acima olham para nós aqui embaixo
O que será que imaginariam?
Talvez, “como será esse tal amor que eles dizem?”

Mas, o firmamento anda nublado
E ela não apareceu...
As nuvens encobriram sua imagem
Sei que só se escondeu
Como o meu amor que aqui não está...

A chuva caindo, o céu está rosado
Ó lua, você pode descansar...
Vou deitar sozinha, e se tiver sorte
Com ele venha a sonhar...
Ou com a lua de São Jorge
A nos abençoar.





APRESENTAMOS O POEMA

Serenata

POR AILANA MONTEIRO

Sou poeta, professora e psicóloga. Escrevo desde os 14 anos de idade com frequência, incentivada na escola. Participei de concursos literários e fui premiada na cidade onde resido (Mogi Guaçu/SP) e tive textos selecionados pela Psiu Editora, Editora Termembé, revista Ecos das Palavras, e pela revista Projeto Autoestima.

No sobrado de esquina ela morava
Sonhadora e romântica de nascença
O homem querido esperava
E estava próxima sua presença;

Por acaso conheceu um rapaz
No parque central do município
Prova viva de que o amor perfaz
Algo no ar desde o princípio...

Os olhares não se desgrudaram
Faltavam palavras na abordagem
O moço e os amigos tramaram
Um ensaio na garagem...

Canção para dizer do interesse
Um galanteio à moda antiga
Perguntaria e desejava que quisesse
Ser mais do que uma amiga...

A serenata com flores e pompas
Deixou a vila encantada
Que a falta de cuidado não corrompa
A história começada...

Ela aceitou o pedido
Os pais autorizaram
O destino foi movido
União formalizaram.

No dia do casamento
A mesma música foi tocada
Disseram sim ao sacramento
Pra vida toda, afeição jurada...



APRESENTAMOS O POEMA

Indagações

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago; em sua essência; em seu espírito, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Como posso pedir perdão porque errei!
Se não houve a intenção de eu pecar.
Como posso sentir a depressiva solidão!
Se a vida sem grilhões anseia o libertar.

Não são as armas que matam! São os homens!
Não são os carros que matam! São os homens!
Não são as drogas que matam! São os homens!
Não são as guerras que matam! São os homens!

Como posso me sentir abandonado!
Se Deus sempre estará ao meu lado.
Como posso seguir insensível e embrutecido!
Se o viver deve ser alegre e enternecido.

São os homens ensandecidos pela ignorância,
em sua nefasta essência beligerante;
à mostrar sempre em constância,
suas imperfeições tão inflamantes!

Como posso desejar mais do que tenho!
Se para a maioria são sepultados seus anseios.
Como posso ser tão ávido e ganancioso!
Se em muitos lares falta o sustento precioso.

Vivemos num mundo de hipocrisias,
em que a falsidade é entronizada!
As virtudes são esquecidas,
pelas vontades contaminadas!

O homem! Sempre o homem!
Com seus pensamentos contraditórios,
se transformando em lobisomem,

para ensanguentar por suas vitórias!

Como posso me sentir envergonhado!
Se o sistema cria em mim o desonrado.
Como posso achar que tudo é imperfeito!
Se boas ações mostram dignidade e respeito.

Como posso me arrepender de meus atos!
Se o que vejo são atitudes em descompasso.
Como posso na ira dar gritos lancinantes!
Se enfermos clamam pela cura tão distante.

Os hipócritas são enaltecidos,
os sinceros são desprezados,
a nossa sociedade não faz sentido,
glorificando os mentirosos desgraçados!

Como posso estar contristado e na apatia!
Se o Sol brilha refulgindo estesia.
Como posso conquistar a amizade!
Se desprezo e não compreendo a individualidade.

Vaidades! Sempre vaidades!
Recônditas em nosso ser,
vamos fingindo em castidade,
logrando a vida sem a conhecer!

Como posso recalcitrar contra o amor!
Se o mundo chora em guerras cruentas de muita dor.
Como posso olvidar da pungente orfandade!
Se a inocência conhece cedo a tétrica realidade.

Envelhecer não é privilégio;

é um castigo dolorido,
falar o contrário é despautério,
é mitigar o carcomido!

Como posso entender o misterioso!
Se a ignorância gera em mim o estertoroso.
Como posso aprender, se eu não quero!
Se um porvir sem vigor é o que espero.

Muitos que são adorados em altares,
foram levados para o inferno!
Sepultaram muitas verdades,
pelo embuste do que fizeram!

Quantos médicos culpados,
que mataram seus pacientes,
com seus laudos adulterados,
vão vivendo bem contentes!

Como posso não pensar no findar da vida!
Se a juventude foi embora e a velhice é infligida.
Como posso não exaltar a inveja e a cobiça!
Se a perniciosa imperfeição está sempre à minha vista.
Como posso não me sentir tão culpado!
Se meus medos interiores não foram derribados.

Quantas mortes consentidas,
por bombas autorizadas!
Nações não arrependidas,
pelas crianças destroçadas!

Como posso arrebatá-me por um novo dia!
Se o meu mundo foi erguido por heresias.

Como posso fomentar lindos anseios!
Se a desilusão foi ancorada e o fim do ciclo é derradeiro.

Quantas riquezas consolidadas,
que enterraram muitos pobres!
A ganância foi edificada,
pela desonra dos mais fortes!

Tantas iniquidades inescrupulosas,
de humanos sem humanidade;
em ações tão ardilosas,
requintadas pela crueldade!

Como posso prover e fortificar-me de vontades!
Se o tempo passa sem descobrirmos o que é a verdade.
Como posso não me tornar insaciável!
Se o especioso consumismo é inevitável.

Se o homem é a imagem de Deus,
alguma coisa está errada,
pois, não é possível que filhos seus,
tenham a perversidade em sua jornada!

Como posso extinguir minhas inerentes paixões!
Se sou uma pobre alma repleta de digressões!
Como posso não desaprender com a televisão!
Se manipulam nossas mentes e hipnotizam nossa visão.

Nascemos com a pureza,
como anjos celestiais!
O tempo passa e tornamo-nos a torpeza,
corroendo a consciência, agindo como irracionais!

Como posso não me impactar com a violência!
Se a morte foi banalizada pela impiedade em anuência.
Como posso não me sentir um aprendiz!
Se meu saber é limitado e retifico tudo o que refiz.

Como posso me indignar diante de tanta corrupção!
Se nos calamos para que o Brasil saia da contramão!
Como posso ressurtir os gritos dos injustiçados!
Se nossa gente faz descaso pelos seus filhos ameaçados.

Que República de horrores,
que veio a golpe em redenção!
O cidadão sentindo as dores,
desconsolados e em aflição!

Como posso aquiescer com uma nação em desigualdade!
Se " és pátria amada, idolatrada" ; "em teu seio ó liberdade".
Como podem macular e prostituir o Congresso Nacional!
Se " nossos bosques têm mais vida" , agora jaz seu ideal.

Que educação promíscua é esta?
Que formam despreparados!
Implementando metodologia funesta,
para um futuro de desempregados!

Como negligenciar nossas fronteiras, deixando-as ao léu!
Se contrabando é opróbrio, a droga tem sabor de fel.
Como uma minoria abastada pode ter tanto poder!
Se a maioria de brasileiros têm a servidão para acolher.

A violência recrudescendo,
pela desigualdade coreografada;
negros e pobres desfalecendo,

em prisões desestruturadas!

Como posso silenciar os descabros que acontecem!
Se faço parte dessa gente, com seus sonhos que se arrefecem.
Como posso propagar nossa cultura magnificente!
Se as escolas consolidadas, encenam aprendizado inconsistente.

Pagamos tantos impostos,
que a maioria são desviados!
Nossos conceitos até estão dispostos,
a ver nosso Brasil ser desonrado!

Como posso deixar de falar da burocracia do poder Judiciário!
Se recessos mostram o retrógrado, sem contar o décimo quarto salário.
Como posso ser omissos de falar do nepotismo no serviço público!
Se seus altos e privilegiados salários revelam a indecência pelo absurdo.

Como posso estar "deitado eternamente em berço esplêndido!"
Se os três poderes desta nação, dela se servem de modo endêmico.
Como posso não lamentar os filhos em ingratidão!
Se seus pais envelheceram e o desamor é a retribuição.

Políticos de ambições dissolutas,
que só mancharam nosso Brasil;
hoje vivem às nossas custas,
ficando ricos pelo ardil!

Como posso não pensar no tempo que passa apressado!
Se o efêmero traz a sina de que o fim já foi lançado.
Como posso ser pedante, soberbo e insipiente!
Se a simplicidade é a sabedoria erigindo o condizente.

Não sabemos de quase nada,

se até somos frutos do acaso,
a sabedoria deve ser abraçada,
pois, viver é um enigma a curto prazo!

Como posso não apregoar a vitória por mais um dia!
Se muitos, não vivenciarão amanhã, a aurora que refulgia.
Como posso não poder possuir o que posso!
Se viver são artimanhas para escamotear o que não é nosso.

Como "um sonho intenso, um raio vívido", se transforma em favelas!
Se "dos filhos deste solo", não são donos da sua própria terra.
Como podes ser "gigante pela própria natureza!"
Se o povo desta nação não conhece sua grandeza.

Como posso!
Como posso!
Como posso!



APRESENTAMOS O POEMA

Lauta sensações

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago; em sua essência; em seu espírito, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Sinta o Sol nascendo!
Sinta a flor a desabrochar!
Tua sensibilidade aparecendo;
é o amor a despertar!

Plátanos em sua verticalidade se erguem como altivos monumentos em que seus píncaros em anseio, almejam adentrar o portal do firmamento, para acarinhar em gratidão benevolente, pela vida em dádiva, o abraço de Deus! Majestosas árvores que em Outono em estação, veem seus ramos brandindo com vento, e seus galhos, outrora vicejantes, sentem-se contristados pelo cair de suas folhas secas, pelo ciclo inexorável das vicissitudes, que alternam compulsoriamente entre a vida e a morte. Penalizados, sentirão saudades de suas secas folhas que partiram, na aliança que se extingue pela necessidade da imperiosa vida, pois não mais acalentarão o acarinhar celestial do Sol que irradiava-lhes energia em deleite, fazendo-as refletir difusamente a luz verde do espectro solar, e nem o enlevo do cingir divinizado pelo beijo de Deus, envolto por sons prodigiosos, vicejando uma ínclita melodia aprazível e benigna, proporcionada por brisas e ventos que abraçavam-os em dias e noites, fazendo com que galhos em ventura e folhas em júbilo, dançassem lépidos e extasiados pela harmoniosa sinfonia da natureza, fazendo-os sorrir em regozijo intermitentes, numa interatividade sinérgica de conagração ínclita e sublime.

Vento brando e fresco no Outono a nos acariciar,
sopro vindo do firmamento assobiando o seu cantar,
é a estação da colheita que nos traz a sustentação,
com suas nuvens que permeiam junto à imensidão.

Fantasia sendo moldadas no espírito de sensibilidade,
devaneios manifestando a sublime espiritualidade,
é a brisa de outono com suas nuvens de algodão,
no sentir extasiante, do universo em contemplação,
são as mãos do divino afagando seu corpo e espírito,
afiançando e exibindo viço do onipotente poder místico.

Seres em vivacidade que silentes em seu sentimento, sofrem em pungente dor;
imperceptível à percepção humana; pela consternação absorvida pelo seu etéreo sentir, no iminente adeus às folhas secas irmãs, em que suas auras agora lacrimejam lancinantes a separação de amável e fraterna companhia, que as absorvia em sua vida pulsátil, pelo vicejar de sensações, de devaneios, de sonhos e de alentadores desejos e emoções, quando a chuva e os raios de sol, cingiam-lhes, adornando-os de exultação, esperança e de felicidade em magia, nesta passagem de vida tão efêmera que fizeram luzir em suas auras, a dádiva de sua existência, na magnificente, inspiradora e deslumbrante vida, e que agora com o término de seu ciclo pela idade que se avançou, se retiram resignadas em leniência, partindo para sempre desta odisseia de ilusões!

Oh, morte!

Sepultando devaneios e quimeras!

Cobrindo de véu, o pulsar que se encerra!

Oh, morte!

Findando incruentas dores e ilusões!

Acalentando a quietude,

cessando pecados e ambições!

Oh, morte!

De inefável mistérios e tétrica comoção!

Transforma em nada, o que era crível e relevante!

Suprime encantos, expulsa castigos e enterra a emoção!

Quinta-essência quebradiça, pulverizada num instante!

Como não admirar e se deixar fascinar pela luzente sensibilidade que permeia nas majestosas árvores, com seus exuberantes galhos e maravilhosas folhas, com suas inebriantes flores de eflúvio aprazível, que se reúnem em inflorescências globosas sobre longos pedúnculos suspensos, e seus munificentes frutos, que alimentam a todos, que enfeitam e encantam este nosso paraíso e inolvidável planeta. Como olvidar de nosso acatamento, respeito e deferência, pela sua existência em nosso mundo; o qual nós humanos estamos diariamente destruindo! Como podemos deixar de reverenciá-las, e

agradecer-lhes pelo convívio florescente e idílico que nos envolve, e que embeleza o mundo e encanta nossas vidas!

O verde agonizando,
desmatamentos vão matando,
o viver que triste chora,
no conviver que está indo embora.

O progresso que constrói,
é o mesmo que destrói,
a vida que não querem ver,
no verde a perecer.

Verde que faz parte do mundo,
não merece este sofrer,
cego o homem cria o luto,
ignorando a vida em seu morrer.

Sua sombra, flores e frutos,
é oferecimento de afeição,
seu destruir viceja um grito mudo,
implorando clemência e compaixão,
rogando respeito e sentimento sem hipocrisia,
pois, até na nossa morte estará como companhia.

Ao nascer novas e viçosas folhas, os galhos regozijam-se felizes, pois, de agora em diante, não conviverão com a solidão. Solidão essa, que nós humanos cada vez mais abraçamos, pela desconfiança, pela deslealdade, pela falta de sinceridade e pelo ódio aviltante que idolatramos, vociferando em suas idiossincrasias seu ânimo belicoso.

O que somos afinal?
Bênção divina florindo o jardim!
Ou a erva daninha que usurpa seu igual!

Quiçá, a arrogância que conhece o seu fim!

Não temos no presente respostas concretas,
nesta efêmera passagem inebriante e secreta,
misteriosa vida fomentando o intrigante,
sabedoria que conhece o quão somos ignorantes.

Somos a ganância fomentando a poluição,
conspurcando a natureza bela, divina e opulenta,
viçosas florestas sendo desmatadas pela desrazão,
que nossa terra abençoada e preciosa muito lamenta.

Caminhamos para a superficialidade pelo vício no apego virtual, desfocando a realidade para mitigar as nossas dores, em utopias disformes e desumanizadas, estamos cada vez mais nos distanciando de nossas ações espirituosas, construtivas, fraternas e solidárias; cada vez mais cultuamos as nossas mesquinhas e abomináveis paixões e sepultamos o que poderíamos ter de melhor que é o espírito de humanidade; entronizamos a ganância, glorificando o frívolo, buscando o dinheiro fácil por meios sórdidos, invertendo seus valores morais e vangloriando o conspurcado; pois a vida que hoje vivemos não é a vida que sonhamos! Oh! Como temos que invejar a vegetação em verdor, que nos traz alvíssaras sensações e que deixa crível a auspiciosa esperança!

Fértil paisagem,
assentando a harmonia,
natureza em hospedagem,
reconciliação em companhia.

Nascentes imaculadas,
vertendo virilidade,
são artérias irrigadas,
pela vida em virgindade.

Vastas árvores constituindo

nossos maiores monumentos,
rico legado resistindo,
no progredir tão violento.

Sombras que encantam,
é a mata respeitada,
pássaros que cantam,
é a alegria admirada.

A vida em equilíbrio,
no verde em esperança,
é existência sem martírio,
erigindo a temperança.

Florestas em reverência,
instituindo racionalidade,
é bênção na consciência,
sem o amanhã na mortalidade.

Expresso figurativamente, em que galhos e suas folhas, nos mostram a interação que deve existir para um todo, na aliança que arrefece e extingue o individualismo, em prol do coletivo, tão necessário para a união que se espera neste mundo que chamamos de civilizado, mas longe disso, já mostrou a insensatez pela fragmentação ao longo de sua história; nas milhares de guerras acontecidas; nas milhões de mortes patrocinadas pelo desvario, que são provas dos desatinos em barbaridade produzidos pelos animais racionais, que se dizem em sã consciência, os eleitos para o domínio do planeta! Dizendo-nos, na arrogância e pedantismo ignóbil, serem os seres superiores, e desprezando qualquer outro tipo de vida!

Tantas insidiosas guerras!
Tantas insanas mortes!
Pelo ódio que impera!
Com a vingança vindo mais forte!

O que queremos afinal?
Se a raça é discriminada!
Se a cor é estigmatizada!
Se a política é corrupta!
Se a mídia é estulta!
Se a polícia é violenta e mata!
Se a criminalidade nos maltrata!
Se traficantes conhecem a impunidade!
Se a droga já faz parte da menoridade!
Se pedófilos sempre existiram!
Se crianças sucumbiram!
Se as armas são lucro certo!
Se potências fomentam o retrocesso!
Se a fome ainda acontece!
Se a desigualdade recrudesce!
Se a prostituição ficou aceita!
Se a fidelidade foi desfeita!
Se bombas estão sendo armadas!
Se invasões são arquitetadas!
Se a maldade é defendida!
Se a bondade é enfraquecida!
Se a equidade é assassinada!
Se a injustiça é fortificada!
Se a fraternidade está morrendo!
Se o egoísmo está vencendo!
Se a cidade está doente!
Se psicopatas não estão ausentes!
Se o amor é marginalizado!
Se o afeto é pulverizado!

No milagre da vida em que plátanos em vegetação latejante se distinguem; a vida em similaridade como a nossa é engendrada de forma peremptória, incerta e aleatória. Neste

Universo intransponível, desconhecido e infinito, a raça humana descobriu que o seu maior predador é ele mesmo, pois, a sua inteligência sabe que este ciclo pungente, neste trilhar feito de ações impulsivas, de atos encobertos por mentiras e verdades, tendo por escopo o sucesso a qualquer preço; o escamotear das vaidades; a supressão da equidade, tudo recaindo e culpando a inerente imperfeição, como se não existisse espaço para a evolução; para o livre-arbítrio; para a percepção; para o discernir; para o bom senso, e para o aprendizado em sabedoria que gera a conscientização e o poder judicioso. Na essência humana consolida-se um espírito animoso e beligerante, em que a semente redentora do amor é deixada ao ostracismo, e que a guerra incontinente, entre raças, entre religiões, entre irmãos; é vista como a vitória da derrota humana! Oh, predatória raça humana que em sua essência minaz e seu ominoso egoísmo com sua expertise para o mal, destrói a abençoada vegetação purificante, o qual deu-nos a chance de nossa sobrevivência neste mundo, graças à sua louvada fotossíntese que tornou a nossa atmosfera benigna. Essa nossa existência dependente de inúmeros fatores, como as variações de nosso satélite, das quatro estações, em que a lua, em sua relevância espetacular é a protagonista que faz o planeta cintilar e viver; pelo clima; pelas marés; pela gravidade e magnetismo que faz nosso planeta girar na rotação certa; como o astro-rei adornado com seu majestoso diadema de filigrana, em que seus rutilantes raios de luz, chegam-nos esplendidamente na medida certa. Não devemos ser céticos quanto à profusa vivacidade em árvores com seus galhos e folhas, que exprimem em sua eloquência silenciosa, sentimentos viscerais enraizados em sua natureza. Ígneas sensações em sensibilidade em sua existência milenar. Emoções expressadas em sua vertical quietude silente, em que nós humanos não temos o poder para ver, mas que nos corações em sensibilidade conseguem senti-las!

Não estamos alhures, estamos neste venturoso planeta, com suas imprescindíveis árvores em vegetação exuberante merecendo nossa gratidão em benevolência. Como todo ser pulsante, temos o mesmo ciclo de vida: nascimento, crescimento e morte!

A vida é feita de escolhas, cabe a cada um de nós fazer a diferença. A vida pode ser letárgica, moribunda, inerte, insípida e angustiante; nada muda, a não ser que você faça mudar! Mas deveras, somente mudará se houver amor à vida, arraigada pela vontade, ideal, desejo, gana, arrebatamento, coragem e motivação, que devem estar ancoradas na alma, no âmago, na mente, no coração. Com toda essa galvanizante e inspiradora explosão de pulsativa energia, com certeza o destino da vida irá mudar! Mas para isso é

necessário tentar, e ter a centelha de algo que será essencial e que está dentro de nós, que tem raiz amarga mas que proporciona frutos muito doces, que é a perseverança, em aliança com a virtuosa paciência; pois, “há muros que só a paciência derruba, e há pontes que só a perseverança constrói”; que em consonância com o amor que deve existir à vida, suplantar os medos, insegurança, receios, temores, fazendo germinar a confiança em si que deverá irradiar a impetuosidade em dar o primeiro passo, na determinação de; tentar; tentar outra vez; tentar sempre. Pois, “se não existir frutos, valeu o perfume das flores; se não existir flores, valeu a sombra das folhas; se não existir folhas, valeu a intenção da semente.” Como as antigas folhas secas que se foram, e que sentiram o maravilhar de sua existência; as novas elevam-se em viço e vicejam o despertar da vivacidade. Porque a vida, a tão extraordinária vida, é feita de mortes e de ressurreições!





APRESENTAMOS O POEMA

O canto da Sereia em noites enluaradas

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

As curvas do mar
perdiam silenciosamente a graça
para olhar ela – que se aproximava
cauda longamente entre as marés
para se sentar aos pés da montanha
todas as noites de luar.

O coral de corais do fundo
emergia atrás do vulto dela
colorindo as ruas de rios
que se formavam involuntariamente
sobre a imensidão do mar
todas as noites que ela renascia
como fênix lunar.

Sua presença majestosa
era protetora das águas do mar
até o mais sereno ou incrédulo dos homens
não se atrevia ao mar nadar
pois sabia que a maré calma
estava se preparando
para ouvi-la cantar
todas as noites de luar.

Quando seu rosto de mulher surgia entre as águas
acalmava dos redemoinhos ao deus que virou montanha
as naus e os labirintos paravam como imóveis
no meio do mar, todas as noites de luar.

Seus cabelos longos movimentavam mansamente as águas
enquanto suas pernas de escamas,
acomodavam-se entre as rochas floridas
que já estavam na plateia para escutar

o seu canto de Sereia
que era enunciado
todas as noites de luar.

Quando ela então, (en) cantava
até a Lua ficava mais clara lá no céu
aparecendo para iluminar
aquela mulher – estrela que caiu do céu
e, entre as águas do mar, escolheu morar.





APRESENTAMOS O POEMA

Duvidores

POR ELESSANDRA MARISA FERRARI GAZOLA

Elessandra M. Ferrari Gazola é professora, mãe, esposa e uma apaixonada por escrever o que mora dentro de seu coração. As histórias sempre fizeram parte de sua vida e uma lembrança que guarda na memória é de ter ganho um livro como prêmio em um concurso de redação na quarta série. Acredita que este acontecimento foi como uma semente lançada que agora começou a dar frutos em forma de poesia.

Ouço ao longe vozes de pessoas

Passos e vozes se confundem

Risos denunciando vida

Falas produtoras de angústias

Gritos que lembram horrores

Porque ouvir não significa escutar

Porque gritar não atinge quem deveria

Nossos passos já não avançam

Estamos em posição inerte

Vemos e não enxergamos

Ouvimos e não escutamos

Somos em certos momentos

Apenas ouvidores de sons

Apenas ouvidores de passos

Apenas ouvidores de vozes





APRESENTAMOS O POEMA

Simplesmente

POR ELESSANDRA MARISA FERRARI GAZOLA

Elessandra M. Ferrari Gazola é professora, mãe, esposa e uma apaixonada por escrever o que mora dentro de seu coração. As histórias sempre fizeram parte de sua vida e uma lembrança que guarda na memória é de ter ganho um livro como prêmio em um concurso de redação na quarta série. Acredita que este acontecimento foi como uma semente lançada que agora começou a dar frutos em forma de poesia.

Indecisão

O que escolher

O mistério de um botão

Ou a beleza da rosa

Que impõe sua cor, sua majestade no jardim

Mas o botão é enigma

É deslumbre

É futuro...

Indecisão

O que escolher

As mãos dadas do sincero amor

Ou os olhares denunciadores da paixão

Que preparam o coração

Que despertam sonhos e evocam lindas declarações

Indecisão

O que escolher

Mas...

Por que escolher?

Simplesmente viver

Simplesmente acolher

Simplesmente beber os momentos

Assim como sedentos no deserto

Deixar que os botões nos contem seus segredos antes de desabrocharem

Deixar que os olhos caminhem por amores

Que cada madrugada tenha sua dor

Que cada pôr do sol tenha sua esperança

E que cada luar traga seu encantamento

Escolher...

Por que escolher?

Simplesmente beber os momentos...

Desfrutar emoções

Deixar perfume

Assim como o sol se vai calmamente

Deixando seu rastro para a entrada da lua

Não se recusa de ir

Sabe que a hora chegou

Sabe ceder

Mas vai devagar

Não se recusa de ir

Mas impõe indecisão

Como esquecer cores indescritíveis

Como olhar a lua sem admirar o sol

Sem escolher

Apenas acolher...

Simplesmente.



APRESENTAMOS O POEMA

Possioinha 3 (Na sua varanda)

POR EMANUEL VALENTE RIBEIRO

Emanuel é um garoto, de 14 anos, que possui ideias e ideais de um adolescente como outro qualquer. Estudante do 1 ano do ensino médio, se apaixonou por poesias e poemas, através de uma professora de redação do sétimo ano. De lá pra cá se inspira na vida e na cidade para escrever.

As nuvens do céu
São claras e escuras
A minha mente também é assim

Algumas coisas só não merecem
E também não devem
Ser contadas e compreendidas
E agora só vou dizer

Eu sou a noite estrelada
E você é a lua pálida
Na sua varanda

Ele disse que te ama
Falando em amor
Gostaria de lembrar
Que estou apaixonado

Todas as complicações
Estão acabando
Logo, logo vou te ver
Espero que isso não seja um sonho

Saudade do teu ser
Saudade do seu existir
Saudade de você
Porque você completa
A minha alma

Por favor não vá chorar
Não deixe essas sinceras lágrimas
Salgadas, doces e amargas
Caíres desses seus lindos olhos

Deixa pra lá
Só mais uma semana
Tudo vai ficar bem
Um beijo de amor verdadeiro





APRESENTAMOS O POEMA

Presente

POR EMANUEL VALENTE RIBEIRO

Emanuel é um garoto, de 14 anos, que possui ideias e ideais de um adolescente como outro qualquer. Estudante do 1 ano do ensino médio, se apaixonou por poesias e poemas, através de uma professora de redação do sétimo ano. De lá pra cá se inspira na vida e na cidade para escrever.

Já é dia
Um fato insignificante
Eu deveria ir quietamente
Mas todos já sabem
O barulho da gota d'água
Tocar a superfície da pia

Lembra do cheiro da Grama
Quando chovia
Isso não é melancolia
É, eu estou confuso

Eu quero futuro sem
Viver o passado
Olha Horizonte
Desculpe-me se eu assustei você
Ainda não estou engajado

Atos omitidos
Jogados em outras direções
Mas ainda com certo sentido

Talvez não seja assim
Sua normalidade assustadora
As estrelas estão caindo
Ainda não é o fim
Nem será
Futuro do pretérito
Vivenciado em par

A história do futuro
Assim tudo continua
E tudo está como deveria ser
E mesmo sem te ver
Estou feliz



APRESENTAMOS O POEMA

Perdição

POR FRAHM TORRES

De Santa Luzia, MA, professora de Linguagens, licenciada em Letras, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa; Psicopedagoga; especialista em Gestão da Educação; ativista cultural, escritora e poetisa, com participação em diversas antologias; membro efetivo da AJEB/MA e da SCLMA. São 47 anos de vida distribuídos entre a maternidade, o magistério e a militância política e social e, neste contexto, sempre prevalece uma alma cativa pelos textos e gêneros do discurso, nutrindo profunda paixão pela obra literária universal.

Sou náufrago,
no mar do meu desalento;
sem ilha nem tábua de salvação;
teu amor???
oceano tragando
o último fôlego
da minha perdição.



APRESENTAMOS O POEMA

Do Eterno

POR FRAHM TORRES

De Santa Luzia, MA, professora de Linguagens, licenciada em Letras, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa; Psicopedagoga; especialista em Gestão da Educação; ativista cultural, escritora e poetisa, com participação em diversas antologias; membro efetivo da AJEB/MA e da SCLMA. São 47 anos de vida distribuídos entre a maternidade, o magistério e a militância política e social e, neste contexto, sempre prevalece uma alma cativa pelos textos e gêneros do discurso, nutrindo profunda paixão pela obra literária universal.

Assim que o Sol abre a cortina da alvorada

Reacende em meu peito um amor que irradia

Abre-se a luz da minha alma apaixonada

Calor que pulsa de alegria

Tão logo o Astro Rei expõe sua grandeza

É tua imagem que o céu revela

Confirmando minhas retinas tua beleza

Diante da criação tão singela

Alvoreço imersa no teu amor magistral

Quando a Estrela Central rompe a barra do nascente

Todo meu ser sucumbe ao teu sublime poder

Desperto no teu abraço sempre presente

Respiro tua brisa mansa a me sorver

E, em todas as rotações, desejo tua presença etereal





APRESENTAMOS O POEMA

Se

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

Escritor com dois livros publicados (um de prosa e um de poesia) e colunista em sites como A RevistaK7 (www.revistak7.com.br) e da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>).

Se a escuridão se esvaísse em lágrimas cintilantes como estrelas amarguradas e perdidas em carícias incertas, então nossas dúvidas não mais se esconderiam sob o manto do silêncio e da saudade ...

Se o tempo pudesse ser guardado em caixas despertadas por sopros perfumados de damas soturnas, a distância entre o meu respirar e o teu seria doce como pétalas de açúcar ensopadas em palavras inebriantes e confusas ...

Se teus olhares pudessem guiar os meus através da tempestade eu estaria em paz e toda angústia que me corrói o peito seria drenada em ondas de perguntas que nunca existiram.

Se nada mais pudesse separar nossos lábios de se tocarem não haveria mais inverno em minha descarnada essência, varrendo os gritos arranhados de dor dentro do infinito distante...

Se tudo pudesse parar por um instante ínfimo, congelaria nossa suspensão etérea em lágrimas perdidas de longas noites sonhadas em oceanos perolados por delírios céticos.

Se os teus cabelos beijassem minha testa, a exatidão imperfeita das cores seria esclarecida pela incalculada loucura das nossas mãos que se completam na distância próxima.

Se te entristecem os vapores da aurora, olhai as cadências de luzes pastorais que bailam em estrelas pulsantes perdidas em constelações esquecidas. Pensa nos barcos amanhecendo em portos marejados de sopros calejados.

Se qualquer loucura frágil fosse partida em brilhos amanhecidos, toda ternura seria servida em cálices borbulhantes de outonos distantes onde brindaríamos a doce primavera que nos abençoa.

Se... Duas letras que formam um abismo.





APRESENTAMOS O POEMA

Diário ontológico

POR GUSTAVO SOARES

Natural de Santos-SP, 24 anos, amante de esportes, da Arte e do Oculto. Músico de formação, violonista, praticante de kung fu, surfista e formando em Composição Musical na UFPel. Sempre teve os livros e a música como sua maior companhia e foi a partir de um passado recente que passou a explorar mais suas ideias e conhecer a si mesmo através da escrita de seus pensamentos, por meio de poemas e contos de teor filosófico e fantástico; reais e imaginários; sempre comunicando por outras linhas de pensamentos os mistérios e dilemas de sua existência...

*"De uma hipnótica Engenharia
a sentir, neste Banquete Existencial.
Faça de minha Vida, tua Lira!
Nada mais
que um mergulho em si,
Por enquanto, Imortal..."*

I.

"Discurso meus versos agora.
Estes, que desafiarão sua lógica,
na aurora da Gnose.
Enquanto brilhantes faíscas,
de Ordem Genealógica,
fagulham ancestrais sabedorias
- de uma hipnótica Engenharia.

Questiona, a mente Redentora:
Se, redutora de informações,
Tornar-me-ei expansiva em minhas ações?
Se, presenteado de Tradições ainda vivas
nos encontramos,
Busquemos então em suas Noções
Um Uno global, uma só Nação!
Eis que nem Platão pudera imaginar
um jantar tão especial...
Meus convivas,
os convido a serem:
- Neste Banquete Existencial!

II.

Olhai para Cronos;
Perceba que não se faz presente.
Mas, ausente, este também não se encontra.

Irônico! Pois, enquanto Eros
constantemente com sua flecha
estás a alimentar nossa mente,
exigente é aquele, que só se faz notar
quando o Espírito sente.
E já não pode voltar
- a sentir...

Eis que Kairós, seu neto,
Vêm a comungar com a Humanidade!
Nos ensine, com toda sua magicidade:
Um retorno à um tempo absorto,
para uma mente a vontade...
Mas, sem a Maldade,
não te esqueças da minha Ira!
A ti, a quem rogo, numa prece despida;
Outrora despedaçada,
mas, sem tom de despedida:
- Faça de minha Vida tua Lira!

Ora, do futuro não tenho domínio!
Logo, torne-me passível à Magnitude de Cronos:
deixe o Logos mostrar-me o Caminho!
Sendo assim, pressinto que o Poder Inerente
estás no Templo daquele que sente
seus Entes dançando
em um Rito Astral;
abissal.
- Nada mais que um mergulho em Si;

III.

Portanto, torno a dizer:
Assim que Eros e Psiquê

se amarem neste recinto,
lhes afirmo, também,
que Eco e Narciso
cessarão seu conflito!
E um caminho oculto
se mostrará, explícito.
À um Elysium Real.
Como diziam as palavras do Oráculo:
- por enquanto, Imortal."



APRESENTAMOS O POEMA

A cura

POR ILZENIR RIBEIRO PARANHOS

Ilzenir Ribeiro Paranhos, baiana, casada, mãe de quatro filhos, avó de sete netos, residente na cidade de Ubatã, possui formação acadêmica graduada e pós-graduada em Filosofia. Professora do Ensino Fundamental, amante das artes literárias. Desenvolveu e coordenou o projeto Colecionadores de Histórias, coletânea de histórias escritas por seus alunos da escola pública. Teve sua poesia Viralizamos selecionada para integrar a edição do Sarau Brasil 2020. Autora participante da Antologia Camões IV, com o poema Meu Pedacinho de Chão. Destaque Literário 2020 na categoria poesia. Acredita na transformação através da leitura. Mulher que desafiou todos os limites para concretizar seus sonhos através da educação.

A cura de todos os males
Se encontra na poesia
Cura a alma aflita
Da angústia do dia a dia
Cura a ferida
Da grande dor de amor
Da falta de compaixão
Que o asilo abrigou
Do menino abandonado
Que a rua acolheu
Hoje encontra na poesia
Seu retiro favorito
Na grande angústia
De uma alma machucada pela dor
O poeta é revelado no poema de amor
Cobertor que aquece aquele que sente frio
Amor que alimenta o coração vazio
Água que sacia a sede do sedento
Poesia viva e transcendente no coração do lamento.



APRESENTAMOS O POEMA

Querida Pátria

POR ISABELA PAULA CASSETARI

Isabela Paula Cassettari, 23 anos de Serra Negra interior do estado de São Paulo, filha única com pais coruja, aluna de Psicologia do quarto semestre, representante de curso da Liga Interdisciplinar da Saúde no Envelhecimento (LISE) da USJT-Mooça, diretora de comunicação do Coletivo Feminista da USJT, membro voluntária do YouTube EDU com o canal de Psicologia Teórica chamado Arquétipo do Saber e autora do livro Vômito de Bolso pela editora Arte Impressa.

Irmãos se unirão em comunhão

Onde os grandes cairão

Manchão com sangue o chão

Da nossa

oh pátria Amada

Dirão que não temos razão

Das nossas Manifestações

De um povo imperfeito

Sedento de tudo e que não possui nada

Diante de tantas lágrimas carentes

Do povo que apanha

Cala-se dolente

No vazio. No medo. No nada.

Dito tudo isso

Não resta mais nada

Só frio, pobreza, miséria e desgraça.





APRESENTAMOS O POEMA

Ambição

POR J NERIS

J Neris, baiano, cordelista, premiado como Cordelista - no Prêmio de Cultura Populares Emília Biancardi SECULT / BA. Poeta da Coletânea Bardos Baianos.

Gritos de desespero
É só o que consigo ouvir
É quase impossível sorrir
O único foco é o dinheiro
A moda é ser trapaceiro
E é vergonha ser honesto
Porém eu contesto
Porque isso não me agrada
Pois uma hora o dinheiro acaba
Mas continua o protesto

Quando acabar a calma
Quem vai sofrer é o ladrão
Vivendo em uma solidão
Que não tem dinheiro que paga
O jeito é pagar com a alma
Esse é o preço da corrupção
Arrependido o ladrão
Chora feito uma criança
Vendo que a ganância
Lhe tirou a salvação

Rola pelo chão
Muito arrependido
Se o conelho tivesse ouvido
Não estaria no sufoco
Gritando feito um louco
Pedindo perdão
Implorando compaixão
Mas isso será atoa
Sempre teve uma vida boa
Mas nunca teve coração

Não falo com arrogância
Pois sei que todo mundo erra
Mas esse ladrão que berra
É o mesmo rico em ignorância
Que tirou a merenda das crianças
É um monstro morando na Terra
E lá no pé da serra
Mora uma família carente
Porém muito contente
E todo dia vence uma guerra

Não veste linho nem malha
E nunca se desanima
E sempre passa por cima
Quando vêm as batalhas
Mesmo ganhando migalhas
Esbanjam riquezas
Pois a mãe natureza
É farta e gratuita
Porém hoje ela luta
Pois destruíram sua beleza

Vou tentar resumir
Para que possam entender
A ambição pelo “poder”
Veio para destruir
Os animais começaram sumir
Com tanto desmatamento
Nem mesmo o vento
É como antigamente
Agora ele está bem mais quente
Aumentando o sofrimento

Nessa versão
Eu tento explicar
Que está em todo lugar
A corrupção
Em todo canto tem ladrão
E só Deus para dar jeito
Porque nem respeito
Essa gente tem
Pois da natureza também
Eles querem tirar proveito

Me dói o coração
O sol está mais perto
O mar está coberto
De tanta poluição
Só Deus pra ter compaixão
Somos a pior semente
O vírus está na gente
Espero que ninguém se magoe
Que Jesus nos perdoe
É o que eu quero somente.





APRESENTAMOS O POEMA

Estou falando de valor

POR J NERIS

J Neris, baiano, cordelista, premiado como Cordelista - no Prêmio de Cultura Populares Emília Biancardi SECULT / BA. Poeta da Coletânea Bardos Baianos.

Quanto custa uma vida?
Me respondam por favor.
Quanto temos que pagar?
Como comprar o amor?
Quem me responder eu agradeço,
Mas eu não Tô falando de preço,
Estou falando de valor!

Por causa de um celular,
O bandido matou.
Para não perder a "juventude",
Outra mãe abortou.
Tem outros motivos que eu desconheço,
Eu não Tô falando de preço,
Estou falando de valor!

A ganância, infelizmente,
A humanidade dominou.
Quase não se ver humildade,
Mas em todo lugar tem desamor.
Ah, quase que eu esqueço,
Não tô falando de preço,
Estou falando de valor!

Os anos se passaram,
Muita coisa mudou.
A ilusão pelo dinheiro,
Muitas vidas seifou.
Honestidade vem de berço,
E eu não Tô falando de preço,
Estou falando de valor!

Hoje em dia, só tem maldade.

Desonestidade é o que mais se ver,
Eu queria crescer,
Pra conhecer o mundo,
Tive um desgosto profundo.
Ao ver como é a realidade,
Da minha infância tenho saudade.
Só vejo guerra, a paz acabou,
O que ganha quem Defende o estuprador?
Esse mundo eu desconheço,
E eu não Tô falando de preço,
Estou falando de valor!



APRESENTAMOS O POEMA

Ela é a chama

POR JOÃO ROGANTI

João Roganti, habitante de Santa Rita do Passa Quatro-SP, trabalha como serralheiro autônomo. Em seu tempo livre se dedica à escrita de romances, poesias, contos e minicontos; também atua como fotógrafo amador. Cursou Jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto, embora não o tenha concluído. Costuma publicar parte de seu material (literário e fotográfico) nas redes sociais e nos jornais impressos semanários da pequena cidade.

Lábios ardentes,
Olhar fulminante.
Seus olhos crescem
Em brasas.

Ela incendeia cidades.
Alastra o fogo
Com a ventania, depois invoca
A tempestade.

Deixa o mundo
Mergulhado em cinzas;
Cinzas
E saudades.

Ela retorna,
Erguendo-se em labaredas.
Acendendo!
Incinerando!

Meus olhos estreitos
Estalam em fascínio,
Espelhando pontos
Flamejantes.

Em minhas mãos
Seguro o isqueiro,
Esperando o fogo.
Que tolice...
Na minha frente está
A Chama!



APRESENTAMOS O POEMA

Quando a velhice assombra

POR JOÃO ROGANTI

João Roganti, habitante de Santa Rita do Passa Quatro-SP, trabalha como serralheiro autônomo. Em seu tempo livre se dedica à escrita de romances, poesias, contos e minicontos; também atua como fotógrafo amador. cursou Jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto, embora não o tenha concluído. Costuma publicar parte de seu material (literário e fotográfico) nas redes sociais e nos jornais impressos semanários da pequena cidade.

“Vá pela sombra!”

E ele foi com ela.

Perambulou pelas as ruas vazias

Desse mundo pandêmico,

Desolado.

Estava sozinho

E também acompanhado.

Na luz, ela o seguia.

Nas trevas, ela o abandonava,

Deixando-o

Nas sombras.

Era velho, solitário.

Ressabiado,

Não confiava

Nem na própria sombra.

Mesmo assim,

Ela o acompanhava.

Porque, além de sombra,

Era também a sobra.

Era tudo que lhe restou,

Nesse mundo pandêmico,

Desolado.

Uma imitação sua...

Uma imitação sombria

De si mesmo.

Porque o tempo
Trouxe-lhe isso.
Seja na sombra
Ou diante
Do espelho.

Ele se assombrava,
Não pela sombra perseguidora,
Mas sim pelos anos
Consumidos,
Os quais também
Não passavam de sombras
E vultos da consciência.

Por fim, atravessou.
Porque a vida
E o tempo
Obrigaram-lhe,
De alguma maneira,
A caminhar
Para o outro lado.

E chegou do outro lado?
Sem sombra de dúvidas!





APRESENTAMOS O POEMA

Fim da vida?

POR LAROSE CULTURAL

Pedro é doutorando em Letras pela UPM, colaborador das revistas *Alarums & Excursions* e *Legendary Art Magazine*, membro editorial da Pantanal editora e membro do CAL – comissão de autores literários da WebTV. Às vezes acha que o mundo tem futuro.

Acho que chegou minha hora.

Sinto fraquezas e meu corpo definhar

A moleza me toma conta e não me deixa reagir

Não me sobra força nem para defecar

O vômito não cessa

Enquanto frio e calor se revezam em mim pregando peças

Como foi bom viver até aqui, mas o que realmente quero agora é só o oposto

Não sinto mais sabor, nem gosto

Até de dormir eu cansei

E infinitas dores pelo corpo eu terei

Até que passe de vez, por osmose

Esta horrível virose.





APRESENTAMOS O POEMA

Madrugando

POR LUCAS PESSÔ FENIMAN

Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Direito Penal pela Escola Paulista da Magistratura e em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é servidor público e escreve poemas durante o tempo livre.

Menino! Que arte fazes a esta hora acordado?

Em que a noite te convida a causar estrago

Não me venha com mirabolantes contos

deste teu mundinho de fantasia

sobre a Lua e sua magia.

A vida já é real demais

e a noite quem não dorme bem,

no dia não quer trabalhar também.

Não demora a encontrar-se abilolado,

correndo e gritando para qualquer lado,

esperando a gratuita atenção de alguém.





APRESENTAMOS O POEMA

Cumplices da Lua

POR LUNA BRANDIT

Amante dos livros e da literatura. Encontra-se escrevendo em uma linda tarde de outono. Gosta de degustar uma xícara de café enquanto a inspiração reside em sua mente. Quão bom é poder dedicar-se ao que ama. Sonhadora. Apaixonada. Acredita que os livros expressam o que a alma transborda.

Sobre a luz do luar.
Reside um segredo.
Uma trama.
Entre uma noite límpida de primavera.
Reside um crime.
Reside uma confissão.
Oh tamanha perdição que inquieta a alma.
Atordoa os pensamentos.
Retira o sono.
O que fizestes com suas vítimas?
Um roubo.
E junto dele, uma sentença.
O roubo de dois corações apaixonados.
Inocentes.
Sonhadores.
Sua sentença é um amor proibido.
Um amor fadado a perseguições.

Sobre a luz do luar.
Um casal realiza juras de amor.
Juras eternas.
Juras passageiras.
Juras que acalmam.
E os guiam em busca de uma resposta.
A solução?
Um paraíso longínquo.
Afastados dos olhares curiosos.
E da reprovação.
Oh Lua, tão pura.
E bela!
És a única testemunha.
Donos de um futuro incerto.
Um futuro brutal.

Um futuro traçado por suas famílias.

Morte.

Raiva.

Mas a promessa de união é tão verdadeira.

Tão forte.

Tão certa.

"O que vale o ódio se o que reside é o amor?", pergunta a jovem.

Sobre a luz do luar, seu coração está aflito.

Ela chora.

Chora de tristeza.

Desamparo.

E angústia.

Chora de dor.

Solidão.

Seu amado lhe toma em seus braços.

Um abraço reconfortante.

Caloroso.

Quão bom é perder-se entre seus braços.

Sentir o seu cheiro.

Seu carinho.

Sua paixão.

Ele olha para sua amada.

Uma dama com tamanha beleza.

Tão formosa quanto a Lua.

Tão iluminada quanto o Sol.

Deixando as estrelas enciumadas com formosa grandeza.

Sobre a luz do luar.

Inundados pelo silêncio.

Pelo secreto.

Lábios se encontram em um beijo.

Um beijo doce.

Um beijo casto.
Um beijo amado.
Mesmo que o futuro não lhes pertença.
E o destino os separe.
Seus corações continuarão a bater.
Sempre rumo ao luar.

Sobre a luz do luar.
Sobre a luz do luar.





APRESENTAMOS O POEMA

Pavito

POR LUNARA

Rosangela Mariano é formada em Letras (Português/Literaturas) pela Unisinos, RS. Em 2005, publica o primeiro livro infantil *A rosa que se transformou em estrela*, pela Litteris Editora, selo Quártica, RJ. Em 2015, o livro de poesias *Dia a Dia se faz Poesia* é editado também pela Editora Litteris, RJ. Escrever é uma luz; escrever é um caminho!

A lua
pariu
em fios
de prata...
E novas
luzes
pipocaram
na abóbada
celeste...





APRESENTAMOS O POEMA

A Lua

POR LURDINHA ALENCAR

Maria de Lurdes Alencar Araújo, professora aposentada, residente em Gurupi-Tocantins, mãe, avó e bisavó. Gosta de artesanatos e contemplar a natureza. Adora ler e escrever. Participou de Antologias e Coletâneas pelas editoras: Projeto Apparere, CNNE, Trevo, Biblio, Versejar, EHS Edições, Bandeirante Editorial e Devires.

É maravilhoso Senhor,
saber que tem alguém
que ao contemplar a lua,
no esplendor das fazes crescente e cheia,
lembra que existo,
e que apesar de tantos anos,
ainda senti o coração bater acelerado.

Lua,
Continue a nos iluminar,
a encher nossas vidas de esperanças,
de um dia poderemos juntos
contemplar a sua beleza,
e ser também iluminados por sua luz.

Obrigada Deus,
iremos continuar observando,
e enviando mensagens de amor,
em pensamentos através da lua,
que está sempre muito bela
nas noites de lua cheia.





APRESENTAMOS O POEMA

Natureza renegada

POR MARCOS SOUZA

Marcos Almir Almeida de Souza é um jovem de 22 anos nascido em Manaus, Amazonas, é graduando de Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professor residente na Escola Estadual Sólon de Lucena e aspirante a escritor.

Ao acordar, o novo natural nos condiciona
a direcionarmos o olhar para o celular.

Pecado capital!

De trás daquela janela o sol pede para entrar,
silenciosamente bate, à procura de um rosto
para derramar a energia sublime
de uma estrela-mãe distante,
mas que nunca ausenta-se
de dar o cósmico *bom dia*.

De trás daquela janela...

De vez em quando as nuvens interrompem
o presente da aurora para o seu quintal regar.

Uma pena você continuar nesse celular.

A natureza é perfeita e posso provar,
os revides que ela dá é uma forma de educar,
como os filhos da terra que após brincarem na rua
à casa vão sujar após a mãe lavar.

O rallo da mãe é o trovão que a natureza dá.

A harmonia é inefável como os rios e mares,
as planícies e os planaltos, as chuvas e

as radiações solares, os animais e as plantas,

ou as voltas que a Terra dá.

Feliz é a Lua que de camarote assiste a peça teatral,

Aplaudindo com a mesma mão que impulsiona as marés.

A peça não é de Nelson Rodrigues nem de Ariano Suassuna,

Mas de nossas mães que a fizeram para nos alegrar.

Só tu que não percebes... Está ocupado demais no celular.





APRESENTAMOS O POEMA

Harmonia

POR MARIA EDUARDA FERRARI GAZOLA

Maria Eduarda é uma estudante que está em busca de ingressar em uma faculdade. Desde pequena sempre esteve em contato com a leitura: sua tia tinha uma livraria e sempre que ela podia ia lá e ficava lendo durante horas. Atualmente magia, mulheres fortes, guerreiros e viagens para diversos mundos fazem parte do seu dia a dia assim como a poesia, algo que se tornou muito importante para ela.

O Sol refletia nas folhas verdes
O vento levava o canto da coruja
As águas purificavam a relva
As árvores se curvavam
A chuva limpava as impurezas
O uirapuru adormecia todo o bosque
A Lua regava de luz a flor da noite
Os grilos regiam a orquestra natural
Nas clareiras os cipós badalavam
As estrelas guiavam os caminhos
Tudo em perfeita sintonia
E eu assistia no mais profundo silêncio
A harmonia da natureza





APRESENTAMOS O POEMA

Coisas naturais

POR MARIA EDUARDA FERRARI GAZOLA

Maria Eduarda é uma estudante que está em busca de ingressar em uma faculdade. Desde pequena sempre esteve em contato com a leitura: sua tia tinha uma livraria e sempre que ela podia ia lá e ficava lendo durante horas. Atualmente magia, mulheres fortes, guerreiros e viagens para diversos mundos fazem parte do seu dia a dia assim como a poesia, algo que se tornou muito importante para ela.

O vento brinca com os cabelos
Toca os sinos na catedral
Balança toda a natureza
E refresca no calor do momento

A chuva renova o corpo cansado
E aflora os sentimentos guardados
É o terror dos varais
E o amigo dos casais

As folhas que no outono caem
Dão ao ar um clima diferente
Mistério, amor, tristeza ou impaciência
Pois há quem já não aguenta mais no chão não andar
Para no novo piso de folhas caminhar





APRESENTAMOS O POEMA

Minha pipa

POR PAULO ROBERTO TORRES BORGES

Paulo Roberto Torres Borges, educador, Mestre em Tecnologia Educativa, Especialista em Gerontologia, com formação em Biblioterapia. É carioca, pai, marido, autor de livros e mediador de leitura literária em projetos de voluntariado multigeracionais, visando a promoção da leitura e do envelhecimento ativo e saudável. Contato: paulortb@cheerful.com

Sempre admirei crianças fazendo pipas,
Soltando pipas, correndo atrás de pipas
Um dia também aprendi a fazê-las,
Empiná-las e vê-las deslizarem lá no azulalto.

Com carinho fiz minha primeira pipa
Que especial! Aprendemos juntos a voar
Brincamos por dias, meses e anos
Com todo tempo e vento.

Quando machucada – imprevisto ou imprudência –
Eu cuidava e assoprava suas dores
E pronta estava para novos voos
Por céus sempre abertos a quem ousa voar.

Dia, porém, ela bem longealto, sua linha se rompeu.
A pipa subiu, enuviou-se e desapareceu.
Parado, olhar fixo, esperei sua volta.
Meus olhos surpresos, angustiados em súplica
Mas ainda assim ela não voltou.

Até hoje, não sei por que se foi.
Vento forte, linha fraca...
Estaria ela cansada de mim? Não sei.
Talvez não fosse como eu esperava,
De brincarmos juntos para sempre.

Tristesperançoso, desejo-a em mãos pipeiras
Carentes da alegria que ela pode dar

E que, mesmo convivendo com outras pipas,
Eu possa reencontrar essa primeira,
Que sempre pode retornar, e até com outras pipas,
Pipas que esta criança sempre amará.





APRESENTAMOS O POEMA

Uma estrela em nó maior

POR PAULO ROBERTO TORRES BORGES

Paulo Roberto Torres Borges, educador, Mestre em Tecnologia Educacional, Especialista em Gerontologia, com formação em Biblioterapia. É carioca, pai, marido, autor de livros e mediador de leitura literária em projetos de voluntariado multigeracionais, visando a promoção da leitura e do envelhecimento ativo e saudável. Contato: paulortb@cheerful.com

Pari uma estrela viajante.
E antes que a senilidade devore a senescência
E de sobremesa engula a memória desta pessoa
Registro que pari uma estrela viajante.

Antiestrela luminosa, supernova, natinova,
Nascida com rara atenção à música sideral,
Se encanta em metabolizar explosões criativas
Que irrigam o cosmos de novas ideias e ideais.

Oh, estrela do bem, que afina dissonâncias e acerta compassos,
Gerando harmonias embelezadoras da vida,
Gentilofereça sua luz interior para que o plano musical
Siga conforme pensado pelo Criador Maior.

Noite dessas, voltando do nordeste,
A errante estrela visitou-nos em plena sementeira,
Cometando elipticamente acima de nós,
Lembrando que somos poeira de estrelas ancestrais.

Gratidão. As sementes espargidas por ela
Com eufonias fertilizam e criam novos mundos e seres
Que perpetuarão nossas almas pelos universos afora
Renovadas, renascidas, renatuadas.



APRESENTAMOS O POEMA

Conversa com a Lua

POR RENATA DA COSTA

Renata da Costa é Goiana, Professora, Escritora, Atriz, Produtora Executiva, Artesã, Fotógrafa, Mãe e Autista. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Ama escrever desde os 12 anos e faz da escrita o seu porto seguro. Autora da obra Meu Pequeno Grande Mundo que fala sobre seu filho autista e também escritor, autor da obra I love you Mamma. Ambos disponíveis pelo Amazon. Já escreveu poesia, conto, teatro, paródia, infantis. Possui poemas e contos publicados em várias antologias, inclusive em Portugal.

Peguei-me hoje conversando com a Lua

Ela como sempre, calada e fria

Mais uma vez foi cúmplice

Do amor que em meu peito chorou.

Oh! Lua...

Cara Lua

Pare de refletir os olhos dele

Pare de fazer-me lembrar do abraço

Daquele abraço que demos

Naquela noite frio de Dezembro norte-americano.

Não quero lembrar-me

Que aqueles lábios não pude beijar

Nem um roubo nem um toque casual

Mais o beijei em pensamentos, em sonhos e delírios.

Ahh! Lua, cala-te

Começastes a falar demais

Enchendo-me de idéias toscas e frias.

Pare de me olhar

Já fostes parceira demais

Em noites traiçoeiras e chorosas.

Deixe-me sozinha

Com minhas alucinações e desejos.

Vá antes do Sol nascer

Vá antes de ver-me por amor morrer.



APRESENTAMOS O POEMA

Sonhar

POR RENATA DA COSTA

Renata da Costa é Goiana, Professora, Escritora, Atriz, Produtora Executiva, Artesã, Fotografa, Mãe e Autista. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Ama escrever desde os 12 anos e faz da escrita o seu porto seguro. Autora da obra Meu Pequeno Grande Mundo que fala sobre seu filho autista e também escritor, autor da obra I love you Mamma. Ambos disponíveis pelo Amazon. Já escreveu poesia, conto, teatro, paródia, infantis. Possui poemas e contos publicados em várias antologias, inclusive em Portugal.

Perco-me neste horizonte
Onde este Pôr-do-sol despedisse lentamente
E dá lugar as estrelas e uma bela Lua
Fazendo-me tua ausência sentir.
Perdi-me neste infundo fadário
Que separa-nos nesta ilusão de cores,
Que apenas o Sol deixa vestígios.

Perco-me ao buscar teu olhar
Que mesmo distante
Lembro-me muito bem.
Que meus pensamentos
Não faleçam ao velar por tua falta,
Que me é eterna.
E se morrer?
Tua lembrança estará guestada no peito
E o ósculo de um único beijo
Que não pôde se realizar.





APRESENTAMOS O POEMA

Café - Poesia

POR ROBERT ARAÚJO

Robert Araújo , baiano, poeta, escritor.

Assopro seu corpo, viajo em seus movimentos,
Quando acordo posso te sentir
Vários goles para adoçar os sentimentos
Vou partir, se der trago notícia
Cada informação é uma gotícula
Que compõe o vento

Observo-lhe, seu jeito bipolar me asfixia.
Calma e fria. Ainda é cedo, a pressa é inimiga;
Que ironia, me provou que o tempo é rei,
Sem falar sequer uma palavra.

É a preta que me seduz
É a melanina que liga cafeína de Souza cruz
Admiro o sol, mas respeito sua luz;
O homem criou o jazz com o copo que faz jus.

Advinha, nasce mais que gente e não caminha.
Sua marca é variada, mas resume em duas sílabas.
Faz mais pelo movimento negro que muito ativista
É a capa que todos julgam mesmo dando uma lida

Mostre-me o gosto amargo do fim
Ouvi dizer que sua família é doce.
Essa loira estranha que sempre lhe visita
Chame-lhe de amiga, é a dona Maria Deline Margarina.

Eu e minha crença, com a fé que eu oro.
Sigo a sentença, café que eu molho.
Quente demais, lacrimeja os olhos
Más influencias: o álcool e o óleo.
Sua fumaça deixa minha sede mais rica
Aceita um café moça? Na alma ou na xícara?





APRESENTAMOS O POEMA

Chuva

POR SARA ALENCAR

Sara Alencar é estudante e escritora amadora, apaixonada pela vida e pela poesia que há em cada coisa. Seu estilo é livre, buscando como inspiração as situações e sentimentos do cotidiano.

Cai uma chuva
Leve e suave,
Da minha janela
A vejo pingar.

E lembro de ti:
Leve e suave,
Andando nas ruas
Devagar.... Devagar.

E são tantas gotas
Que caem, que caem,
Que minha saudade
Começa a apertar

E lembro de ti,
Os olhos de água,
A se despedir
E a chuva a pingar

E fica a saudade
Do seu leve andar,
Devagar.... Devagar,
Chove sem parar.



APRESENTAMOS O POEMA

Fases da Lua

POR VÂNIA PONTES

VÂNIA PONTES - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada OAB/CE, professora universitária e gestora pedagógica do Curso de Bacharelado em Direito da FAL. Autora de coletâneas de contos e poesias.

Amo a lua com suas fases!
Ama as próprias fases, é isso?
Sim. Fico encantada nos luares.

Quando olhei a lua e vi-me nua,
Rompi com a mulher guerreira,
Que insistia em não olhar a lua.

Como ela olhava só para as lutas,
Esquecia que tinha no céu um luar,
Que refletia suas fases, mais ocultas...

Hoje, meu interior é fulgor! Vi na lua!
Agora, quero só energia da mulher da luz,
Que estava quase apagada e seminua.

Com a mulher da luz vibro no amor,
Sinto-me uma sábia, na dança da vida,
Cujo amante é um novo luar, sem dor.

Já sei plantar a lua com poesia,
E onde derramar minha intensidade,
Que sossega a alma, com uma nova energia.

Deixei o meu coração bater ao luar,
“Meu coração tá batendo. Como quem diz: ‘Não tem jeito!’”
Um anjo o abriu com o seu brilho estelar.

São tantas as minhas fases em um dia,
Que às vezes não me basta ser mulher,
Sou a própria lua com suas fases e mais poesia...





APRESENTAMOS O POEMA

Hoje quero ir embora às 21h44

POR YASMIN BACCHI

Yasmin Bacchi, nascida e criada em Rio Claro, interior de São Paulo. Artista visual formada pela Unesp de Bauru e atualmente cursando Licenciatura em artes visuais na mesma faculdade. Ilustradora, desenhista, pintora, fotógrafa, videomaker, cinéfila de carteirinha, aspirante a poeta, não se considera uma profissional em nenhuma dessas áreas, mas sim uma curiosa, uma eterna aprendiz que respira arte e poesia.

A inquietude está presente
Nos pés que tremem automaticamente.
Nas unhas que já não são mais roídas
Mas descascadas, destruídas.
Presente no ranger do dente
Explícito no olhar d'agente.
Na pressão do lábio inferior
Na engolida seca que entrega a dor.
Na pressão também do cotidi-ano-mês-hora-minuto
Um piscar de olhos e se está de luto.
A tal imita ânsia
Dilacera o estômago, sobe até a garganta.
E a vontade é vomitar.
Física e psicologicamente:
A comida que não comi, as palavras que eu não falei.
A mão vez ou outra treme
O olho vez ou outra enche.
Vaza.
O reflexo vez ou outra trava.
A pele vez ou outra rasga.
O cérebro vez ou outra buga.
Cansado de tanta luta.
O coração vez ou sempre transborda,
Satura,
Palpita,
Entrega.
Se perde caminhando por inércia.
Eu vez ou nunca me sinto satisfeita,
Mas confesso, sou suspeita.
Porém sinto tantas outras coisas...
Muito, por exemplo
Eu sinto muito!





APRESENTAMOS O POEMA

Terra e Impávido

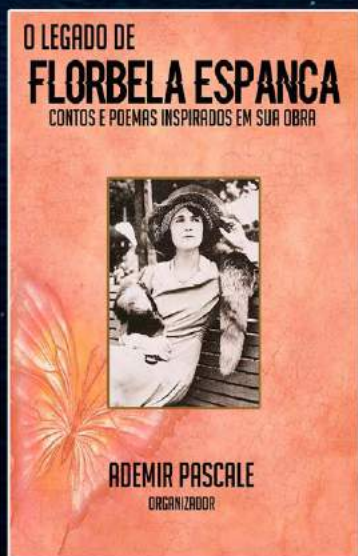
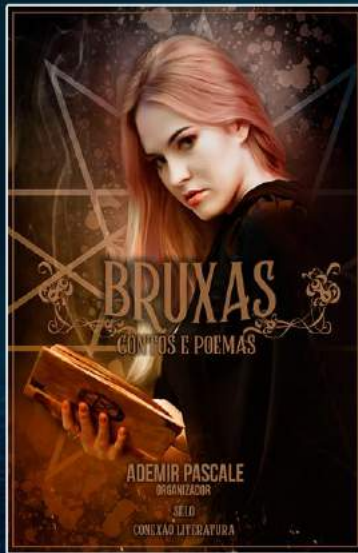
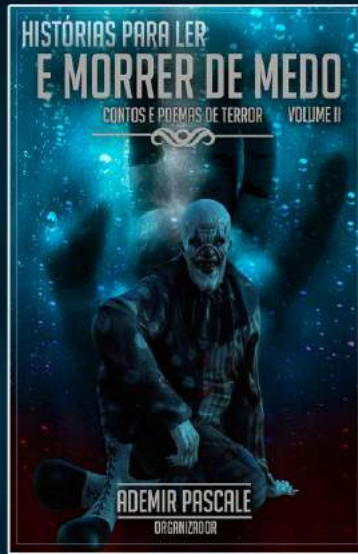
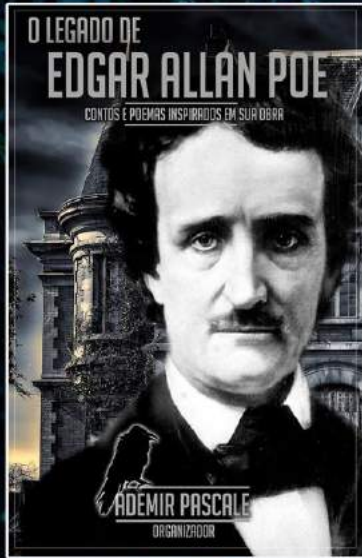
POR YASMIN BACCHI

Yasmin Bacchi, nascida e criada em Rio Claro, interior de São Paulo. Artista visual formada pela Unesp de Bauru e atualmente cursando Licenciatura em artes visuais na mesma faculdade. Ilustradora, desenhista, pintora, fotógrafa, videomaker, cinéfila de carteirinha, aspirante a poeta, não se considera uma profissional em nenhuma dessas áreas, mas sim uma curiosa, uma eterna aprendiz que respira arte e poesia.

o mundo é caos e clementina já dizia
que os adultos são essa mistura
de tristezas e fobias
nos sobra então reinventar realidades
aceitarmos nós mesmos e o nós no outro
flertar com a pluralidade
cai no esquecimento que somos interdependentes
precisamos uns dos outros
o que torna absurdo ser excludente
atravessar o espelho, encarar o reflexo
é caminho árduo e sempre muito mais complexo
por isso, lembrar: se perder, se perdoar
num esquecer também de olhar devagar
criando paralelos fantasiosos com sutileza
pra ler em outra língua: dá um zói, você é beleza



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO; CLIQUE AQUI